

A PATRIA

Orgão dos interesses da colônia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo--Quinta-feira 28 de Abril de 1887

Diário da manhã--Anno IX--Num. 2338

A PATRIA

Publicação diária e da manhã. — Sabe pela typographia do seu nome

DIRECTOR: PASSIO A. FARINHA

TELEPHONE «LA URUGUAYA» N. 296

Tem no seu corpo de colaboradores, escritores conhecidos na imprensa brasileira.

Tem correspondentes nas capitais da Europa e nas principais cidades da América do Sul. Tem agentes em todos os departamentos da República, nas povoações da fronteira com o Brasil e com a República Argentina.

CONDIÇÕES

Assinatura mensal nesta cidade

PARA FORA

Semestre \$ 8.00

Anno \$ 15.00

Numero do dia 0.10

altrado 0.20

ASSINATURA PARA O BRASIL

Semestre (moeda papel réis) 194000

Anno 364000

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assinaturas devem sempre concluir no fim de Março, Junho, Setembro ou Dezembro, podendo começar em qualquer dia.

A correspondência deve ser integralmente solida, sem o que não será retirado o correio. Sempre deve ella ser dirigida ao Director.

Não se doveltem originaes, ainda que não sejam publicados.

As publicações «A Pátria» serão cobradas segundo a tarifa da Administração.

A PATRIA

MONTÉVÍDÉO, 28 DE ABRIL DE 1887

Risum teneatis!...

O lamentável acontecimento do *Passo das Pedras* tem sido explorado pelos jornais orientales *La Tribuna*, *La Republica*, *El Siglo* e *La Razon*. Vamos deixar de lado a cabellera emponda com que os escritores de *La Tribuna* se apresentaram em scena e o *Cavante* conside de *La Republica* para, seriamente, nos occuparmos com uma chronica e posterior artigo de *La Razon* e editorial do *El Siglo*.

Ninguém, mais do que nós, lamenta a fatalidade do que foram victimas o irmão e cunhada do nosso amigo e compatriota Serafin Ignacio de Medeiros e o infortunado Placido Machado; ninguém, mais do que nós, é contrario ao procedimento das autoridades do cordão sanitario, as quaes, em nosso conceito, não bem dignas de lastima. Forçadas ao cumprimento do dever, violam os sentimentos de humanidade, quebram a solidariedade disciplinar, o, sem-se sujeitas, quer procedendo de um modo, quer de outro, a soffrerem os effeitos das leis militares. Si os guardas do cordão sanitario deixam passar a linha, as pessoas que demandam o Brasil, são submetidos a conselho de guerra; si os guardas do cordão sanitario cumprem as disposições do governo, e deesse cumprimento de ordens superiores resultam desgraças como a que acaba de dar-se com o nosso honrado compatriota Thomaz L. de Medeiros, sua digna consorte e Placido Machado, ainda o resultado é passarem pelo conselho de guerra. São sempre as victimas da disciplina: soffrem se não humanos, soffrem si o não são. O adagio se verifica: «preço por ter cão, preço por não ter cão».

O soldado é sempre o martyr: si des-

ampara o seu posto é crucificado; si o faz respaldar a despeito de todas as considerações, é desmoralizado e coberto com o manto negro de afrontosos epithetos.

A defesa do opprimido, do fraco, do *autônomo*, é o mais bello florido com que o jornalista se deve ornar, na discussão de assumptos como o do *Passo das Pedras*, assumpto que tem dado enchesmas a uma serie de insultos da parte de certa imprensa, que tem primado em qualificações delicadas, mostrando aos seus leitores a baixesa e a desmoralização a que tem attingido o exercito brasileiro. Faz vir a um defuncto ouvir fallar em disciplina n'um país, onde gregos e troianos, a uma vez, e não ha muitos mezes, choravam as desgraças da patria, todas oriundas da posição da mela duzia de bayonetas voltadas contra o peito de um povo cheio de mocidade e esperanças. Não se tem coragem para uma reacção proveitosa, quando o patriotismo e o futuro da patria, pedem até o sacrificio da vida, ao passo que não faltam energia e phraseologia de *patrioterismo* para se qualificar de desmoralizado e imprimevel um exercito que jamais fragueou em questões de honra e dignidade.

O exercito brasileiro não foi, não é e nem será esse phantasma nupredito e corrupto, pintado pelos collegas *La Razon* e *El Siglo*.

O exercito brasileiro, não merece, por factos isolados e ainda não esclarecidos, a injuria, constante da chronica de *La Razon* e editorial do *El Siglo*. Segun el señor Velazquez la gravedad de él (do facto) consiste principalmente en que ha sido lavado a cabo con toda premelitación y alevosia.

Ainda não ha documentos officiaes sobre o facto do *Passo das Pedras*; ainda não foram enviados pelo Sr. Homigio Castellanos os papeis concernentes ao lamentavel successo; ainda não existem provas sobre ser o facto verificado em territorio oriental; ainda não foram conhecidos as circunstancias que rodearam a catastrophe; e, no entanto, já os escritores dos dous grandes órgãos fallam em premeditação e alevosia!

O que é premeditação? o que é alevosia? Alevosia é premeditação, talvez, nem sequer existam nos julgamentos extemporaneos dos collegas, pois que não mediamos da concepção á elaboração dos seus artigos, nem mais duzia de horas—que diremos do espirito de alguns soldados que, por causas ainda não ventiladas, maltraram e feriram, por força de uma lei que se é barbara, mereço revogação por parte do governo brasileiro—um cidadão oriental, nosso compatriota amigo Thomaz Medeiros e sua virtuosa esposa!

Premeditação e alevosia são característicos tão graves, rovestem o facto de um fundo tão negro, que, provada a existencia de semelhantes agravantes, seremos nós os primeiros a stigmatizar o crime de que foram pascentes o infortunado oriental e nossos distinctos compatriotas.

Ahi premeditação e alevosia existem evidentemente provadas, queis saber, em que factos, em que casos, em que assumptos e finalmente onde ellas estão? Ellas imiscuiram-se com tons de santidade, ingenuidade e preconcebida falta de conhecimentos n'estes periodos dos artigos que respondemos:

«Sabem meus leitores que desde que surgiram em o Brasil desavenças agrias entre varios jefes militares e el Ministro de la Guerra, consideramos aquel hecho como muy grave, y aumentamos mas todavia su gravedad, cuando por efecto de dichas desavenencias el Ministro hizo renuncia de su cartera y salió del Gabinete. En virtud de aquel desenlace los jefes militares descontentos quedaron victoriosos, y una victoria semejante no podia menos de traer consigo quebranto en la disciplina del ejército».

Essa quebranto puea en cierto modo ser explicación de los hechos ocurridos

y demostrar que estos se han producido contra la voluntad del Gobierno Imperial, pero no extima á este de responsabilidad, porque todo Gobierno la tiene de los actos de la fuerza pública que está á dolo estar á sus órdenes. (El Siglo).

Hay quienes creen que si el Brasil nos hostiliza de todos modos en cuestiones económicas, como la de las carnes, es porque quiere debilitarnos y porque vé con malos ojos esta rápida convalecencia que racien empazamos; hay quienes creen, que esas violaciones de nuestro territorio son, sino ordenadas por las autoridades superiores, al menos muy toleradas, para que se replante con frecuencia. Y no falta quien haga notar, con razón, que es alarmante esa actitud del Brasil, que coloca un ejército prajado sobre nuestra frontera, y cada día lo robustece mas, lo fortifica y lo adiestra.—Para mantener con nosotros una paz que nos conviene mas que el, no necesita de esas tropas, y es ridicula suponer que teme de nuestra parte algun ataque inesperado, y que se prepara tan solo para contestar á él.

Pero hace mal el imperio en dar que decir con su actitud á los alarmistas, porque éstos, tarde ó temprano, trabajando á la opinion pública, pueden formar una atmósfera que costará mucho disipar al Brasil.—Está bastante generalizada la opinion de que si el trono imperial se sostiene aún en este país sobre una base de fermento revolucionario, no se debe más que al prestigio personal de don Pedro II. El día que el emperador muera, será segun algunos el día último de las instituciones monárquicas en el vecino imperio. El conde de Eu, el heredero de la corona, tiene que so la arbitrio de entre las manos el huracan de una revolución cualquiera, y para prevenirla, para hacerse popular y querido de su pueblo, necesita una guerra que apague los rencores intestinos del país, y haga en aras del patriotismo, emulder a los enemigos del trono y del imperio.—[El mismo error de Napoleón III, al mirarse perdido para siempre! (La Razon).

O fío de Ariadna foi descoberto. Descolrimos o nós, por entre os milhares de algodões falsos do moderno Labirinto de Geta. A premeditação e a alevosia não dotam firma concreta nos rendichados periodos dos estimados collegas. Seguro o fío, iletos dar ao velho meallheiro.

Diga nos *El Siglo* que relação existe entre a questão militar, mantida nos limites legais, decidida pelo Supremo Conselho, e o facto do *Passo das Pedras*?

Os generaes, officiaes superiores e subalternos que reclamaram do Governo Imperial um direito que supõem possuir, levantaram-se contra as instituições, derramaram por ventura nas fileiras do exercito, o germen da revolução ou da desobediencia? Por certo que não.

A argucia do collega é demasiado insubsistente.

Não existe no Brasil desavença alguma entre governo, povo e exercito. Ellas constituem uma trindade sagrada, sempre prompta a defenderem a Patria, quer no campo de Marte dando a vida em holocausto á liberdade, quer no campo da industria, do commercio, sciencias e artes — representada ou — um Carlos Gomes ou um Domingos Freire.

Não ha desmoralização nem indisciplina no exercito brasileiro; á questão militar apenas prova que em nosso país não é um mytho a liberdade do cidadão. E nada mais.

Vejamos, agora, *La Razon*. Ignoramos os collegas que a herdeira do throno do Brasil é a excellsa Princesa D. Isabel, nascida no Imperio, digna do respeito de seus compatriotas quer como futura soberana, quer por ser um conjunção de virtudes?

O que tem o Sr. Conde d'Eu como throno do Brasil?

Suppõe *La Razon*, que nós, os brasileiros, á semelhança de alguns povos, ítemos mendigar as nações europeas um príncipe, si por força da

morte, nos vimos privados do eminente Pedro II. ou da sua excellsa filha?

Jamais o Brasil mendigará soberanos.

Juvenal foi um grande homem por que criou o—Ridendo castigat mores!

ACTUALIDADE

O christianismo

Dozeve seculos são passados depois que a verdade divina foi escripta com sangue na primeira pagina da historia moderna, e nesses dozeve seculos passaram pelo espaço innumeras raças, pela consciencia infinitas idéas, caluram imperios antiquíssimos e levantaram-se novos povos; as sociedades soffreram um sem numero de transformações, e aquella verdade, revelada em ignominioso patibulo, permanecio fixa, immutavel no centro da civilização como o eterno sol da natureza e do espirito.

Os philosophos antigos, a sciencia antiga, tinham presantido a verdade christã; Platon fallava do Deus unico, em qua os archetipos da verdade, da bondade e da formosura tinham sua realidade absoluta; os estoicos haviam chegado por um esforço supremo do seu razáo a comprehender a liberdade moral do homem; Cicero recordava a immortalidade da alma e do despertar em outro mundo melhor depois do sono fugaz da vida; Alexandre e Cesar disciplinavam com suas espadas centillantes de gloria todas as raças, para preparal as á unida de, como se tivessem conhecido que a vida da vida do individuo e das sociedades paira a vida da humanidade; todas estas idéas, porém, que estavam na natureza do homem como fraccionadas e esparsas, não foram bemditas, não foram illuminadas, não foram universalizadas e divinas senão depois que do seio da Judea levantou-se um homem desconhecido a pregar entre o povo, a ensinar a si todos os que a sociedade expellia da sua seio, a converter a alegria em dor e a dor em alegria, a consolar em perolas as lagrimas despedaçadas para entreteor uma corda nos escravos malditos, unindo em seu seio amoroso todos os homens e muito especialmente os desvalidos e os pobres.

Desta menção que vemos fluctuar ante os nossos olhos a cruz divina; desde meninos que choramos mil vezes a seus pés lagrimas tão effluas para a alma como o rocio é de para os campos. Nossas mães disseram-nos que nossa cruz tivera como aquella que criou todos os seres; a palmeira se la aquella que deram as aguas da terra; sentira firo e que incendiou o sol e illuminou as estrellas; e morrera aquella que é a fonte de toda a vida; e nós choravamos a morte de um Deus sem comprehendela, pois a primeira coisa que sabemos fazer é chorar, como nascidos para a dor e para a tristeza.

Quando, porém, o sentimento divino depositado no coração pelo santo amor de nossas mães veio illuminar nossa consciencia; quando vimos no pé da cruz extinguir-se a barbara casta, quando se a cadeia do escravo, finalissem os antigos privilegios religiosos, reconciliaram-se todos os povos, aforam a e a bemdissemos vendo descer della o raio de luz que fecundou o nosso espirito.

As regiões antigas exaltavam a guerra, o forte, o poderoso; conciliam um coo ao nascido em berço privilegiado e outro coo ao que nasceu em berço humilde; sellavam com o sello da infamia a fronte do escravo; a religião christã, porém, essencia da nossa civilização, chamou a si todos os homens e teve como seus eleitos aos que tinham padecido mais dores, aos que tinham sido sobrecarregados com o peso de maiores injustiças.

A desgraça que tinha sido o sello da reprovação divina foi desde então o signal dos electos de Deus. Que grande consolo não foi para o escravo esperar

em uma liberdade infinita; para ella que não tinha p... no mundo, ver um pai entre os resplendores da es; para ella que era considerado inferior aos brutos, sentir ao menos que seus sonhos; para ella que arrastava uma eterna cadeia a uma eterna dor, aguardar uma felicidade sem limites no seio de uma vida sem termino!

Para sa ajuizar do que tem feito o christianismo pela liberdade dos homens, é necessario recordar o que era o filho do povo, o escravo, no seio da sociedade antiga. O patria ser infeliz, sem esposa que o consola, nem filhos que perpetuem seu nome, sem familia que lho mitigue as suas afflicções, sem mal, porque na manico o arrancaram do regaço materno; posto nos ultimos limites da sociedade, em um deserto, fora da verdadeira vida, sempre agitado, feito pasto de todas as guerras, fundamento de todos os poderes; amassando com seu sangue os thronos de seus despotas, alimentando com seu trabalho o mesmo Deus a quem é sacrificado, tecendo dozevidos os filamentos das plantas para cobrir a seus senhores, recolhido no laminto os fucos da terra, originando, ellel que dorme exposto ás intemperies, grandes palácios, que são suas mas morrias; o patria, que acompanhava descalço a com as espadas feridas pelo latigo a todos os tyrannos o saiva do instrumento para agrihoar e escravizar a outros povos, a outros seres infelizes, posto fora da lei da India, vergado sob o peso das armas na Persia, levando a trazendo os fardos de commercio na Phenicia, cobrindo com seus rostos palpitantes os altares de Babilonia, onde o destinam para victimas dos sacrificios; escravo infeliz na Grecia e Roma, e depois de seu longo martyrio, ellel que impregnou o ar com suas lagrimas, que amassou a terra com seu suor e seu sangue; sem Deus de quem esperar justiça ou misericordia, pois até o co está para elle vazio, quando o filho do homem espira na cruz, sabo maravillado e asombroado que ella, eterno martyr da historia, tão menosprezado, é também filho de Deus; que sua vida maldita é emanção celeste; que sua alma é de origem tão nobre e divina como a alma do rei, como a alma do sacerdote; que sua fronte ferida pelo ferro da escravidão pôde egerir no co uma coroa de estrellas.

Se o christianismo não fora a religião de nossos pais, seria sempre a religião dos que amam aos pobres, dos que trabalham pelo desvalido. Filho da pai invisível e da pai visível, Jesus em sua pessoa reconcilia a humanidade com o Eterno. Seu berço foi um estabulo; sua vida, a casa de um artefice; sua occupação, o trabalho. A seus pés prostram-se o rei e o pastor, como para assinalar que tinham desapparecido para sempre as barbaras castas.

Os tyrannos perseguem-no e o quem asphyxiat entre seus braços, presentindo que sua palavra ha de ser o raio que sepultará nos abysmos a infame tyrannia. Os falsos sacerdotes e os hypocritas, que encerram a Deus no sepulchro do seus corações, são o objecto de suas admoestações; ensinando assim que a alma pura é o tabernaculo mais digno do Eterno.

Os pobres, os desvalidos, são seus irmãos. Seu coração tem consolo para todos os que padecem, esperanças para todos os que choram. Não vai ás necessidades buscar os sabios, mais sim ás praças buscar os pobres pecadores. Entrega o mundo, apenas domado pelas armas romanas, a deheis e obscuros agostolhos, para que o transformem em sua palavra e com sua fé. Sujeta-se á dor, e para mostrar aiguidade de todos os homens, padeca com o ultimo dos martyres. Chega sua hora e estende os em seu patibulo e morre na cruz para derramar a vida entre os homens.

Esta cruz divina representa uma renovação da vida inteira da humanidade. Para a familia é o momento em qua il nalis a tyrannia do pai, em qua recupera sua dignidade perdida a mulher para converter se na sacerdotisa do lar

Os ajudantes e os discipulos collocam-se á direita da poltrona.

Angela Bernier, Fernando da Rodyl e os amigos da menina foram para o outro lado.

Reinava na sala silencio profundo, silencio que se podia chamar solenne.

Algunhas gotas de suor molhavam as fontes do Paroli.

Um tremor nervoso agitava llo os labios, e as natinas contrahidas davam ao rosto uma expressão quasi cruel.

Gervasoni continuava a olhar para elle e sentia um mal estar inexplicavel, uma especie da soffrimento physico o moral que não conseguia definir.

Paroli atrezeu-se a agitar llo os labios, e encostou a cabeça da menina no espaldar, muito inclinado da poltrona, e foz a volver para o tecto as pupilas coberbidas pela catatonia.

É preciso tornar impassivel todo o movimento, disse elle a Gervasoni, segure a cabeça.

Aniball, passando para trás da poltrona, pôz as mãos abertas nas fontes de Emma-Rosa.

Angelo, então, escolheu um dos instrumentos de cina da mesinha e aproximou-o da pupila direita da menina.

O aq afiado quasi tocava o globo do olho.

—Espera, mestre! esperal disse vivamente Gervasoni, a emoção faz llo tremer a mão.

Paroli lançou um mão olhar ao seu compatriota.

domestico, em qua o seu posto a familia antiga, filha da lei. A nova familia, filha do espirito, consagrado pelo amor, que confunde em um só todos os corações. Para as sciencias representa a morte da Deus natureza, que tinha esmagado a fronte do homem sob os rodos do seu carro, a revelação da Deus espirito; e o conhecimento do homem como o não havia sonhado Platon, como o não havia tido Socrates; o homem, harmonia viva do espirito e da natureza, interprete do pensamento divino, voz que levanta ao coo o echo das orações de todos os seres. Para a poesia é o naselmento daquella amor purissimo, não tocado pelo lado da terra; amor tão casto como o pensamento, essencia immortel de nossa alma; amor que não cabe no tempo e no espaço, e que so dilata na eternidade como o sonho mystico do Plotina, como o culto espiritual do Dante a sua Beatriz. Para todas as artes o christianismo assignala o naselmento de um ideal divino, que o artista não poderá encerrar em fórmulas; ideal que fará transbordar a inspiração na monte do poeta; que inundará de uma luz vivissima os paineis e as telas, que levantará suas atturas, tão etherea como uma oração, a arrojadla cupula das cathedraes gothicas. O espirito humano, engrandecido, renovado, por esta grande revolução que chegará até o amago de seu ser, até a raiz de sua vida, no transigirá para realizar sob um novo ideal us eternas leis da historia.

Na esphera social especialmente, este dia que hoje celebramos assignará a transformação mais maravilhosa do homem. O antigo Eddio, ego, maldito dos homens, culpado e innocente, joguete dos deuses, despedaçado o jugo de ferro, levantando-se para proclamar a sua liberdade e para reconhecer em si firo bastardo para contrastar o ego fidalidade do destino. As differenças sociais desapparecerão no pé dos altares, os reis rojaro pelo pé a fronte e declararão, não mais iguaes ante Deus, com seus vassallos, ferida assim em sua raiz os antigos e barbaros privilegios.

O homem deixará de ser inimigo do homem, sentirá que cada um leva em si a humanidade, o que a humanidade nos lava a todos, e sob esta sublimidade entrará na casa do seu inimigo para chamar-lhe irmão. A lei moral servirá de base á lei politica; os povos saberão que não é licito cometer um crime, inda mesmo que se o salvaguarda da sociedade, que a lei sempre salvará se pela liberdade e pela justiça. A humanidade, sempre proxima a desfallecer, recordando seu peccado contra Deus, redimida agora pelo sangue derramado no Calvario, ouvira aquella voz dulcissima que llo diz que seja perfeito, como nosso pai é perfeito, e sentirá o conhecimento do progresso, que como um phillito do novo vida renunciará suas forças para combater, a llo dará esperanças para triumphar e erer na realidade do seu ideal. Todos os homens, todas as classes, o lavrador que implorá na terra o pensamento do homem, pedindo llo em troca o noctar de sua vida; o industrial que domina a natureza e a faz uma força humana; o pensador que procura na sciencia o enigma do espirito; o poeta que empresta azas á humanidade para voar por mais rapido voo até seu divino ideal; todos os homens, sim, trabalharão para realizar o reino universal de Deus, promettido no Evangelho aos indivíduos e ás nações.

Todos nós que acreditamos o amais, recordal neste dia que a ftem uma grande idéa á vida da intelligencia, o amor a uma causa justa e santa a vida do coração. A doutrina do Jesus, além de seu caracter divino, venceu por ter deixado a buscar a vida entre o povo, por ter lavado o espirito das o martyrio. Contra ella se levantaram todos os poderes da terra. Os imperadores moaram as fiquis para abafal-a, os povos a desconhecaram e deturcaram-na, os sabios a perseguiram com sophismas, os poetas ridicularizaram-na, os fortes, os poderosos a forraram com suas espadas, os verdugos sacrificaram-se em sangue do

—Está enganado, disse elle em tom secco.

—Meu Deus! exclamou a bella hermanaria, se isso é verdade... Se as suas mãos tremassem o senhor talvez ferisse a minha filha. Ella talvez morresse por isso.

A operação ainda não está começada, respondeu o italiano com audacia. Dê a senhora dependa eu coinegal n. Decida.

Fernando do Rodyl interveio:

—Não hesite, meu caro doutor! disse elle em voz agita. A nossa confiança é absoluta.

—Então quereim.

—Nós o supplicamos.

—Obalego.

Angelo, cujo rosto já não estava pallido mais vivo, tornou a approximar o instrumento de ago da pupilla e Emma-Rosa.

A começar a operação, isto é, com a punção do seu ultimo crime o cegar a infeliz menina para sempre.

Aniball segurou llo no punho com violência e em voz baixa, porém, muito firme, pronunciou estas palavras: Ope-

rar neste momento seria perigoso e cul-

poso. É preciso esperar.

—Não sou eu o chefe? perguntou Paroli em tom de raiva incompressivel.

—Não é o para comprometter a vista desta menina e na minha presença não o fará.

—Então retire-se, senhor! replicou o italiano com allivoz. O senhor não faz mais parte do pessoal desta casa de estu-

das... O senhor offende-me e eu o expulso.

FOLHETIM DA PATRIA

O DR. ANGELO PAROLI

POR

XAVIER DE MONTÉPIN

TERCEIRA PARTE

XXXII

—Elle não conseguiria? inquirio elle de si, ou seria depois obrigado a fugir e occultar-se? Tudo é possível. Nada indica que elle fosse mal succedido; entretanto, tenho medo, sem saber de que.

Angelo levantou-se, vestio-se lentamente e desceu do seu gabinete para esperar a hora da visita da manhã.

Chegada essa hora, foi á sala onde os seus ajudantes e discipulos o esperavam e esqueceu, ou pelo menos pareceu esquecer, momentaneamente, as suas preoccupações.

Havia já algum tempo que a Bella Hermanaria estava com a filha.

As duas esperavam, em um estado de ansiedade mais facil de comprehendêr do que de descrever, o momento da operação.

Paroli sentia um desejo febril de ir para junto de Emma-Rosa, de acabar com ella, ou antes, com o perigo que emynava della; por isso abreviou a duração habitual das suas visitas.

Final entrou no quarto da menina.

A presença de Angela Bernier o expressado relativamente calma da sua physionomia o tranquillizavam um pouco.

Concluio dahi que nada estava descoberto e que Luigi tinha suprimido Oscar Rigault muito correctamente.

—Approxima-se o momento, minha querida menina, disse elle a Emma-Rosa com um sorriso. Daqui a pouco hei de mandar avisar a e a senhora sua mãe a levá-la para a sala em qua se fará a operação. Não se assuste, tudo irá bem.

Depois de pronunciar em tom carinhoso estas poucas palavras, o succesor de Crisky voltou para o seu gabinete para alli esperar a chegada daquella que deviam estar ao seu lado quando elle operasse Emma-Rosa.

Ella sentia que estava agitado, nervoso, vagamente inquieto.

O criado annunciou logo que os Srs. de Rodyl, de Gevrey, Lelo Leroy, Renato Dharville e Sophia Rigault tinham chegado.

Do Oscar não se fallou.

Ponto do ex-mascato não era mais para temer, e como Sophia alli estava, com certeza todos ignoravam ainda os factos consummados na noite anterior.

Paroli deu ordem que mandassem entrar os recém chegados.

—Parece-me predecipado, meu caro Sr. doutor, disse llo o Sr. de Gevrey, apertando-lhe a mão.

—Com effeito, estou, e muito, replicou o italiano. Quem não o está? Assim, como eu, na occasião de praticar uma operação perigosa!

—Tenha coragem e confiança! O senhor ha de ser bem succedido...

—Se não contasse com isso, recusaria operar... Mas, enquanto ha duvida, ha receio...

XXXIII

Paroli deu ordem ao criado que lavasse as visitas á sala em qua geralmente se praticavam as operações.

O cirurgião adjunto, Aniball Gervasoni, cercado de ajudantes e discipulos, já lá estava.

Angelo para lá foi poucos minutos depois.

Todos ficaram impressionados pela sua pallidez.

—Já previniram a Sra. Bernier? perguntou elle a Gervasoni.

—Sim, Sr. doutor. Ella vem já.

Paroli pôz-se a examinar os instrumentos de cirurgia espalhados em cima de uma mesinha.

Entre essa mesa e a janella, exposta á luz, estava a poltrona em qua devia sentar-se a pessoa que ia ser operada.

Gervasoni estouvava silenciosamente a physionomia do seu compatriota, como já tinha feito no theatro do Batignolles durante o ultimo acto de *Serge Panine*.

Acabava singular, como de primeira vez, a expressão dessa physionomia.

A Bella Hermanaria entrou, sustentando Emma-Rosa.

Ella estava de uma pallidez mortal.

Fernando do Rodyl foi, vivamente, ao encontro da filha.

—Minha filha, minha querida filha, disse llo elle, apertando-a contra o coração, tem coragem.

—Oh! hei de ter, meu pai, socorro! respondeu a joven cega com um sorriso, asseguro-lhe que não tenho medo. Todos os nossos amigos estão aqui!

—Temos, sim, minha senhora, murmurou Lelo Leroy, cuja voz impregnada agradavelmente a menina.

—Excepção meu irmão, replicou Sophia. Não comprehendendo está deporá; mas elle sem duvida ha de vir.

Queira dar-lhe a sua mão, minha senhora, disse Paroli aproximando-se do Emma-Rosa.

A menina obedeceu e não pôde deixar de estremecer sentindo a mão do italiano fira como o mormorio.

Porque trema? perguntou elle.

Não estou tremendo Sr. doutor. Não tenho medo, asseguro-lhe. Tenho confiança e se o meu coração bate com mais força é a esperança que o faz palpar assim. Eu sou feliz se, graças ao senhor eu puder tornar a ver aquellas a quem amo! Ah! o senhor doutor como eu o abençoarei!

Essas palavras causaram ao italiano uma emoção profunda que elle não pôde evitar.

Por mais calejada que estivesse a alma do miseroavel, ellas produziram nolla alma o effeito que um ferro em brasa produz na carne.

Entregada o rosto ficou impassivel e

33

1918

TO

08
udo
m.

[illegible]

sista-
 erelo
 stro
 rd
 L

...d, para
...es que

...da año
...eneficios

...es.

S

18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 8

1139
0,000
0,000
0,000
85

BOTT
HOME
SANTOS,
NEW YORK.
30 dias,

... 15, pm.

1931-18 DE JULHO-1931